

René Armand Dreifuss Hirsch: um tributo

Eurico de Lima Figueiredo*

Há vinte anos, no dia quatro de maio de 2003, aos 58 anos de idade, nos deixou René Armand Dreifuss Hirsch. Assinando sua obra tão somente como René Dreifuss, ele nasceu no Uruguai, naturalizou-se brasileiro, mantendo dupla cidadania, já que, no país cisplatino, por lei, a cidadania por nascimento não pode ser prescrita. Filho de pais judeus – Max Dreifuss Alexander e Irma Hirsch Khan Dreifuss – que sofreram os suplícios dos campos de concentração na Europa nazista, nunca renunciou às suas origens. Um amigo seu, Bernardo Sorj, também nascido no Uruguai e, como ele, de origem judaica, professor titular de Sociologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), oferece em seu livro testemunho de uma geração – dele e do René – que ganhou o mundo procurando melhorá-lo (SORJ, 2012). Como cada um de nós, os bem-intencionados, acaba por aprender, faz-se apenas o que se pode. Nesse sentido, René realizou-se: sua obra abriu caminhos para entendermos melhor o Brasil no mundo e o mundo no Brasil.

Sua formação acadêmica e pessoal espelhou sua produção intelectual: ela foi internacionalizada, ocorreu em três continentes. Tendo finalizado sua formação escolar na sua terra natal, fez sua graduação na Universidade de Haifa, em Israel, e prosseguiu seus estudos pós-graduados na Espanha, em nível de especialização. Concluiu seu mestrado na Universidade Metropolitana de Leeds (atualmente conhecida como Universidade Leeds Beckett), na Inglaterra, onde teve como orientadores Ralph Miliband e Hamza Alawi, e o seu doutorado na Universidade de Glasgow, Escócia, Reino Unido. Lia e se expressava bem em várias línguas, espanhol, inglês, alemão, hebraico, além do francês e do italiano. Dominava fluentemente o português, sem sotaque, conhecendo diligentemente sua gramática e sintaxe. Casou-se três vezes com brasileiras e, com a primeira, Aurea Fuces, teve seu único filho, Daniel Marc Dreifuss. Daniel ficaria conhecido mundialmente por ter ganhado o Oscar de 2023 pelo filme *Nada de novo no front* como um dos produtores do longa-metragem. Antes, em 2013, ele foi também um dos produtores da película chilena *No*, igualmente indicada para o mesmo prêmio na categoria de melhor filme estrangeiro. Nas várias entrevistas em que deu no Brasil, em ambas as ocasiões, Daniel externalizou seus sentimentos em

* Professor Emérito da Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor Titular de Estudos Estratégicos e Relações Internacionais (aposentado) da mesma instituição. Coordenador do Núcleo de Estudos Avançados do Instituto de Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense (NEA/INEST-UFF).

relação ao país: sentia-se como brasileiro ainda que vivendo no exterior há longo tempo. Seu pai, que viveu mais da metade de sua vida no Brasil, se via também assim. Aqui ele escolheu para viver, trabalhar e se tornar um dos mais brilhantes cientistas sociais de sua geração.

Obtendo seu doutorado em 1980, René, no mesmo ano, submeteu-se, com sucesso, a concurso público para o Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Lá, dois anos depois de seu ingresso, foi Coordenador do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Permaneceu por quase seis anos na UFMG, tendo sido solicitada sua redistribuição para o Departamento de Ciência Política da Universidade Federal Fluminense (UFF) no final de 1985. Já como membro efetivo do corpo permanente desta última instituição, foi proponente, juntamente com o autor deste texto, logo depois de seu ingresso, em 1986, da criação do Núcleo de Estudos Estratégicos, NEST/UFF. Entre 1998 e 2000 esteve cedido ao Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro como professor visitante (COPPE/UFRJ). Retornando à UFF naquele último ano, soube que estava acometido de grave doença que, em menos de três anos, seria a causa de sua partida. A UFF foi sua última morada acadêmica.

René trafegou, com desenvoltura intelectual, em três áreas de conhecimento distintas, que, nos seus escritos, se entrelaçavam: a Ciência Política, as Relações Internacionais e os Estudos Estratégicos. Publicou fartamente: foram dez livros autorais e mais 22 como autor, coautor e organizador. Seus trabalhos – entre artigos publicados em revistas científicas, periódicos diversos, anais de congressos etc. – chegaram a 62, escritos em português, espanhol, inglês, alemão e francês. Foi um trabalhador intelectual incansável até os últimos momentos de sua vida. Seu último livro, *Transformações: matrizes do século XXI*, publicado postumamente, com 678 páginas, resultou de ampla e rigorosa pesquisa, com a coleta, sistematização e análise de uma formidável base de dados e informações. Como já assinalado, terminou-o com grandes sacrifícios, na medida em que convivia com grave doença que lhe obrigou a se submeter a complexas cirurgias e a penosos tratamentos. Seu organismo foi atacado onde ele era mais forte. O cérebro.

Este breve ensaio é de autoria de um amigo de René, amizade que durou 27 anos, aprofundada nos 17 anos em que trabalharam juntos na UFF, e ainda mais fortalecida nos três anos que marcaram os momentos da sua caminhada final. Nessas circunstâncias, não é fácil o equilíbrio entre a emoção e a razão, ainda mais quando deve prevalecer o espírito de síntese perante um legado tão amplo e diversificado como foi o deixado pelo autor de *1964: a conquista do Estado*. Escapa em muito às modestas

pretensões deste conciso tributo uma reavaliação aprofundada e mais elaborada de seu pensamento, expresso em milhares e milhares de páginas. As análises de René eram rigorosas tanto em termos qualitativos como quantitativos, sempre envolvendo copiosas fontes secundárias e massivos dados primários que davam lastro teórico e empírico às suas argumentações. Ademais, como procurava, mormente nos seus dois últimos livros, apreender uma realidade que se ia constituindo em processo de acelerada mudança histórica, criou novos conceitos que procuravam explicá-la. Suas obras não são de leitura fácil, embora *A época da perplexidade*, somente nos primeiros sete anos de sua publicação, em 1996, tenha merecido seis edições¹.

Este breve ensaio está dividido em três partes. Na primeira, tentar-se-á, com pretensões holísticas, traçar as linhas gerais da contribuição de René. Na segunda, ofereceu-se rápidas digressões sobre os seus dois últimos trabalhos, *A época da perplexidade* (1996) e *Transformações: matrizes do século XX* (2004), quando, no ver deste autor, sua produção chegou ao seu auge, contendo e superando seus trabalhos anteriores. A terceira ensaia brevíssima nota, à guisa de conclusão. Ante à grandeza da obra, não se constitui em uma tarefa simples.

O panorama geral

O primeiro livro de René foi *1964: a conquista do Estado – ação política, poder e golpe de classe*, publicado em 1981, resultado de sua tese de doutorado defendida na Universidade de Glasgow no ano anterior. Apesar de se constituir em um calhamaço de 814 páginas, ganhou, pelo menos, 23 edições, possivelmente um recorde na área da Ciência Política no Brasil. Tornou-se uma referência “clássica”, obrigatória, sobre o golpe de 31 de março.

O livro tem como tese central a identificação de uma *elite orgânica* que – composta por interesses multinacionais, por empresários nacionais e por militares vinculados, principalmente, mas não apenas, à Escola Superior de Guerra – concebeu, tramou e empreendeu a conquista do Estado. A pesquisa contou com laborioso refinamento

¹ Os livros autorais foram os seguintes: *Transformações: matrizes do século XXI* (2004); *A época das perplexidades, mundialização, globalização, planetarização: novos desafios* (1996); *Política, poder, Estado e força: uma leitura de Weber* (1993); *Global changes, global challenges: a view from the Southern hemisphere* (1991); *O jogo da direita na Nova República* (1989); *Conservative realignment in Brazil: political pivots, power axis and mobile fronts* (1987); *A Internacional Capitalista: estratégias e táticas do empresariado internacional* (1986); *As elites orgânicas: novas formas de intervenção política entre o Estado e o capital transnacional* (1983); *1964: a conquista do Estado – ação política poder e golpe de classe* (1981); *Brazil: the concept of power of the Superior War College* (1978, escrito em colaboração com H. Souza).

teórico e conceitual, cultivou rigorosa metodologia e fundamentou seus achados em vultosas fontes empíricas, que, entre 814 páginas, ocuparam quase 300 em 25 anexos. Segundo o autor, o golpe de 1964 não podia ser explicado apenas se levando em conta variáveis endógenas; requeria, também, a combinação dessas com variáveis exógenas, dadas pelo processo de internacionalização, elevando o país ao “estágio mundial de desenvolvimento capitalista desenvolvido” (HIRSCH, 1981, p. 489). Em um país penetrado desde seus primórdios pela dependência ao capitalismo internacional, nascido nos marcos de circunstâncias coloniais, baseando durante séculos sua economia na escravidão, articulada ao redor de uma burocracia estatal ciente de seus privilégios estamentais – não haveria maiores inovações nas teses de René. O que marcou sua indelével originalidade foi a capacidade analítica de juntar atores, instituições, interesses e objetivos tendo como lastro evidências empíricas que eram desconhecidas. Por outro lado, e em termos da continuidade de sua produção intelectual, o importante a ser destacado foi a preocupação de entender como, no século XX, foi se constituindo uma sociedade internacionalizada em que foram ganhando cada vez maior relevo as “corporações estratégicas”, e como elas estiveram presentes no processo civil-militar que levou ao golpe de 1964.

Os dois livros que se seguiram avançaram os objetivos de René já contidos naquele seu primeiro trabalho. O primeiro, *A Internacional Capitalista: estratégias e táticas do empresariado internacional*, lançado em 1986, elabora e complexifica o conceito de “elite orgânica”, propondo-o como chave para entender a ação política do empresariado em plano global em defesa de seus interesses e intenções². O segundo, *O jogo da direita na Nova República*, com primeira edição publicada em 1989, é uma extensão aplicada da ação da elite orgânica, no contexto da transição do regime de 1964 para o que iniciava. A pretensão maior foi desvendar o entrelaçamento da elite orgânica transnacional com a elite orgânica nacional³. Em ambas as pesquisas estiveram presentes o requinte teórico e o rigor da demonstração empírica que caracterizaram a sua primeira publicação e, de resto, todas as demais que se seguiram⁴.

2 Este livro expande e consubstancia o que o autor desenvolveu em uma pesquisa pouco conhecida publicada três anos antes da publicação do livro em tela: *As elites orgânicas: novas formas de intervenção política entre o Estado e o capital transnacional* (HIRSCH, 1983).

3 René antecipou boa parte que da pesquisa que fundamentou esse livro em uma brochura publicada nos Estados Unidos dois anos antes (Cf. HIRSCH, 1987).

4 Há, na bibliografia de autoria de René, uma espécie de “parênteses teórico”: trata-se do livro *Política, poder, Estado e força: uma leitura de Weber*, publicado em 1993. Tal como o autor de *Economia e sociedade*, os escritos de René cultivavam o estilo analítico, permeado, exaustivamente, por citações constantes que, direta ou indiretamente, lastreavam os seus textos, sem que isso significasse mero eruditismo. Mas não foi uma questão de identificação com a forma estilística que o motivou a escrever a obra. Seu principal impulso foi bem outro. René visou à internalização da obra de Weber a partir do marxismo gramsciano por ele cultivado, o que realizou com notável espírito de síntese.

Dando prosseguimento ao aprofundamento de suas reflexões e pesquisas, visando ao entendimento dos elos que amalgamavam a elite orgânica nas suas dimensões nacionais e transnacionais, René publicou, em 1991, também em inglês, os resultados de seus achados em uma outra brochura, de cento a poucas páginas, do ponto de vista do que hoje a literatura pertinente denomina como “sul global” (HIRSCH, 1991)⁵.

Durante os anos 1990, René avançou nas suas investigações sobre as corporações estratégicas. Corporações estratégicas na compreensão de René são estruturas que se formaram ao longo do processo de desenvolvimento do capitalismo moderno. Têm como principal objetivo manter as capacidades organizativas e reprodutivas gerando matrizes de conhecimentos versáteis capazes de atuar em áreas diversas. São fortes e sólidas não porque detêm a supremacia neste ou naquele produto, porquanto os produtos possuem um tempo de validade limitado. O que almejam é a capacidade – de certo modo ilimitadamente – de criar novos produtos. Para tanto buscam contar com um seleto estoque de estrategistas e pesquisadores em Ciência, Tecnologia e Inovação (CTI) capazes de traduzir conhecimentos científicos em artefatos tecnológicos. Alimentam, em espiral ascendente crescente, a produção. São estruturas ágeis, diversificadas, capazes de se pensarem e se reformularem a partir dos processos que elas mesmas geraram (HIRSCH, 1998, p. 26). René identificou a força dessas estruturas no que ele denominou de complexo teleinfocomputrônico que foi se constituindo a partir dos anos 1970, quando o chip começou a penetrar na cadeia produtiva. Tal complexo, segundo os dados por ele levantados, levaram a uma concentração inédita em termos de capital, na forma de uma economia global cada vez mais oligopolizada. “Três, quatro, cinco corporações controlam 50% do mercado [...]”, quando se leva em consideração oito corporações, passa-se “[...] a 80%, às vezes 100%”, com enormes repercussões na economia e na sociedade, na política e na cultura (HIRSCH, 1998, p. 28). Mas essas corporações não competem com os Estados nacionais dos países que participam e reforçam o processo; ao contrário, dão sustentação política às redes corporativas que operam transnacionalmente. Com isso, reforçam a ação do Estado. Nesse sentido, René, no caso brasileiro, não era otimista: um país altamente internacionalizado, sem corporações estratégicas, e, por isso, espaço de manobra dos outros. Via, por exemplo, a China se abrindo, mas sabendo o Estado chinês dos critérios e limites que deveriam alimentar a abertura, tendo em vista os interesses nacionais a ser preservados.

5 O Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul (Pacs) foi fundado por um grupo de cientistas sociais que retornavam do exílio a seus países de origem: Argentina, Brasil, Chile e Uruguai. A parte brasileira constituiu o Programa Regional de Investigações Econômicas e Sociais para o Cone Sul da América Latina (Pries). A iniciativa durou apenas nove anos, mas legou um conjunto de trabalhos com notáveis contribuições, uma herança que precisa ser resgatada. René participou ativamente do instituto. O acervo intelectual do grupo é de ser considerado e reavaliado a partir do ponto de vista atual.

A certeza das dúvidas

Os seus dois últimos livros – *A época da perplexidade* (1996) e *Transformações: matrizes do século XX* (2004) – marcaram a plena maturidade de René, principalmente o primeiro. O segundo deve ser entendido como uma sequência do anterior, sabendo-se, no entanto, que ele o escreveu, como já assinalado, no contexto da grave doença que o acometeu, limitando atrozmente sua capacidade de trabalho. Por isso ele não pôde terminá-lo e revê-lo como gostaria. Deve ser entendido como uma formidável fonte de dados e documentos que fundamentaram ainda mais suas teses desenvolvidas no livro anterior⁶.

Na visão de René, a época da perplexidade em que se vive caracteriza-se pela marcha constante da reconfiguração civilizacional iniciada por redes entrelaçadas e reciprocamente referenciadas, abertas e multiorientadas⁷. Ocorrem impactantes irrupções e rupturas científicas, assim como se vivencia crescimento intensivo de inovações, superpostas e interligadas entre si, em constante processo de retroalimentação. Tais configurações/reconfigurações em processo resultam de constantes movimentos inovativos, tanto de caráter sistêmico como espacial, e com diferentes tempos e diversificada intensidade. Vai sendo constituída uma reestruturação produtiva transnacional, com reformulação do comando supranacional que tem como contrapartida, incessante reformulação institucional. *Pari passu*, há uma recomposição metanacional em termos de convivência existencial, colocando em xeque normas e valores há longo tempo estabelecidos, suscitando questões de ordem ética e política em um período de tempo extremamente curto. Ocorre um tríplice processo que, embora precise ser analiticamente diferenciado e conceituado, constitui-se, em termos dialéticos, em um só processo. O processo em que se vive na sociedade internacionalizada dos tempos atuais.

O primeiro processo a ser distinguido é o da globalização; o segundo, o da mun-

⁶ *Transformações: matrizes do século XXI* foi finalizado pelos editores do livro, Estrela Bohadana, sua terceira e última mulher, e Carlos Irineu da Costa, escritor, tradutor, poeta, especialista em informática. Os dois, além do trabalho de compilação e revisão, foram responsáveis pela introdução, enquanto a professora Bohadana, pela conclusão. Algumas partes do livro foram escritas em inglês e alemão e os editores tiveram que providenciar a tradução, já que o autor não chegou a rever seu trabalho.

⁷ A síntese do pensamento de René, aqui brevemente proposta, tem como base, além dos dois livros em questão, o seu trabalho *The Brazilian armed forces: current changes, new challenges*, enviado ao International Seminar do Research Committee on Armed Forces and Society da International Political Science Association (IPSA), realizado em Bucareste, Romênia, entre 28 de junho de 2002 e 07 de julho de 2002. O longo texto (81 páginas), que daria compacto livro, é pouco conhecido, mas resume bem sua compreensão do mundo como ele o entendia, as forças armadas brasileiras e o papel dos militares nas suas relações com CTI, tendo em vista o caso brasileiro, com realce para o Sipam (Sistema de Proteção da Amazônia) e Sivam (Sistema de Vigilância da Amazônia).

dialização; o terceiro, o da planetarização.

A globalização é eminentemente de ordem econômica, ocorrendo constante transnacionalização tecno-produtiva e acirrada adaptação/reformulação do sistema financeiro. Ganham relevo novas dimensões de gerenciamento global em relação a emergentes procedimentos relativos ao emprego do capital, trabalho e produto, conformando uma gaianomia (ou geonomia) ancorada na heterotopia dos países.

A mundialização é de caráter social. Caracteriza-se pela constituição de uma sociedade mundial, com expressão real e virtual, penetrada pela generalização de padrões de atitudes e comportamentos, valores e normas. A diversidade das sociedades nacionais interage constantemente com os impulsos à homogeneidade da sociedade internacional que é, também, internacionalizante. A singularidade das culturas nacionais é induzida a dialogar com a universalização da cultura, enquanto as particularidades não cedendo espaço às generalidades.

A planetarização é de fórum político. Há em marcha emergente surgimento de entidades que buscam forjar condições e mecanismos para a universalização de organizações sociais, colocando em evidência heterarquias nos diferentes campos da ação governamental, do comportamento normativo e de medidas orientadas para a regulação em escala planetária. De um ponto de vista nacional, esses processos desafiam as possibilidades estratégicas, institucionais e administrativas dos países e sua própria soberania.

Esses processos – ou melhor, esse processo, quando concebido de uma perspectiva totalizante – assentam-se em um *complexo capacitador teleinfocomputrônico* integrado pela microeletrônica e eletrônica digital; pela eletrônica de concepção, produção e consumo; pela informática; pela telemática; pela robótica. Expandem-se e integram outras áreas em expansão no campo da Engenharia Molecular e da Engenharia Biogenética; da Nanotecnologia; da Biotecnologia; da Telemedicina; da Medicina Inforrobótica; da Neuroinformática; da Mecatrônica; da Domótica; da Biotetrônica; da Infotelemática; da Burótica; da Tevefonia⁸. Essas capacitações, interagindo e se superpondo umas às outras, constituem-se em *tecnoberg*, verdadeiras “montanhas tecnológicas” que se integram à topografia socioeconômica e cultural dos países onde, cada vez mais, chegam e ganham espaço, em velocidade e tempo impensáveis nos primórdios da Revolução Industrial. Basta um singelo exemplo: foi preciso duzentos anos para que a impressora de Gutenberg propiciasse a edição do primeiro jornal, e custou cinquenta para que o telefone chegasse a um público de massa. Entretanto, o celular demorou apenas sete anos para ter audiên-

8 O eventual leitor deste texto encontrará a definição e a aplicabilidade desses campos (ou disciplinas) no livro *A época das perplexidades* (1996, p. 17-31).

cia popular e ganhar as redes sociais no plano mundial⁹.

Como sempre, mais importantes que as respostas são as perguntas que são formuladas. Perguntas incorretas levam a respostas inadequadas e, no limite, erradas ou inúteis. Em uma época de acelerada, aceleradíssima!, mudança histórica, que René avalia de dimensão civilizacional, as questões suscitadas pelos seus trabalhos podem se resumir a quatro. Primeira: afinal, qual o impacto dessas vertiginosas mudanças na vida social dos países, principalmente nos dos países mais fragilizados? Segunda: como os Estados podem conceber e pôr em práticas políticas que atendam às populações nacionais face ao poder das corporações estratégicas? Terceira: como podem as sociedades ser resilientes à pressão para estabelecerem condutas universalizantes, sem perda de sua identidade nacional historicamente adquirida? Quarta: como manter, no plano da economia, o controle dos interesses e objetivos nacionais face aos processos globais que aspiram ser dominantes? Uma última será ainda mais datada e situada: haverá uma elite orgânica nacional brasileira (composta por empresários, líderes partidários e sindicais, intelectuais e acadêmicos) capaz de pensar as perguntas corretas em tempos da “certeza das dúvidas?”

À guisa de conclusão

René Dreifuss não foi um autor bissexto ou de conjuntura. A extensão e o ritmo de sua obra mostram bem que foi um pesquisador incansável até os minutos finais de sua vida. Sua contribuição veio para ficar muito além de sua presença física. Esteve sempre além de seu tempo: é impressionante como, há quase 30 anos atrás, ele dominava múltiplos saberes, fora de suas áreas de competências imediatas como cientista social, para entender e conceituar, a partir de formidável arsenal empírico, o tempo em que vivia. Suas lentes teóricas permitiram-lhe divisar o horizonte das circunstâncias futuras que marcam os dias de hoje e, mais, os que ainda virão neste século. Há de se supor que, caso ele tivesse produzido sua obra nos chamados países centrais, teria obtido reconhecimento muito além das fronteiras nacionais. Se este breve ensaio tiver algum valor, talvez sirva para despertar nas gerações mais jovens o interesse e atenção pela sua contribuição, tão fecunda quanto necessária para que se possa melhor se situar em uma época de perplexidade.

Um trecho de um poema, escrito por René originalmente em inglês, pode servir não como testemunho de seus pensamentos, mas de seus sentimentos nos últimos

⁹ O autor pensou nessas questões em “Reflexões sobre o futuro: o próximo centenário” (FIGUEIREDO, 2022).

tempos de sua existência:

A world has been another is coming.

The whole of (almost) nothing, and nothing of the (impensable) whole.

In the emergent unities of infinite particles.

Infinitude of emergences,

Is... knowledge beyond the imagination¹⁰.

Referências

- FIGUEIREDO, Eurico de L. Reflexões sobre o futuro: o próximo centenário. In: CARMONA, Ronaldo (Org.). *Brasil 200 anos: estudos e ensaios sobre o bicentenário da Independência do Brasil*. Rio de Janeiro: Escola Superior de Guerra, 2022.
- HIRSCH, R. Armand Dreifuss. *Transformações: matrizes do século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- HIRSCH, R. Armand Dreifuss. The Brazilian Armed Forces: current changes, new challenges. In: INTERNATIONAL SEMINAR OF THE RESEARCH COMMITTEE ON ARMED FORCES AND SOCIETY – IPSA. *Proceedings of the International Seminar of the Research Committee on Armed Forces and Society*. Bucareste, Romênia, 2002. p. 117-131.
- HIRSCH, R. Armand Dreifuss. Corporações estratégicas e Estados nacionais: os protagonistas do grande jogo. In: MINEIRO, Adhemar dos S.; ELIAS, Luiz A.; BENJAMIN, César. (Orgs.). *Visões da crise*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.
- HIRSCH, R. Armand Dreifuss. *A época das perplexidades, mundialização, globalização, planetarização: novos desafios*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HIRSCH, R. Armand Dreifuss. *Política, poder, Estado e força: uma leitura de Weber*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- HIRSCH, R. Armand Dreifuss. *Global changes, global challenges: a view from the Southern hemisphere*. Santiago de Chile: PACS/PRIES, 1991.
- HIRSCH, R. Armand Dreifuss. *O jogo da direita na Nova República*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- HIRSCH, R. Armand Dreifuss. *Conservative realignment in Brazil: political pivots, power axis and mobile fronts*. Durham, New Hampshire: New Hampshire Center for International Perspectives, 1987.
- HIRSCH, R. Armand Dreifuss. *A Internacional Capitalista: estratégias e táticas do empresariado internacional*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1986.
- HIRSCH, R. Armand Dreifuss. *As elites orgânicas: novas formas de intervenção política entre o Estado e o capital transnacional*. Belo Horizonte: PECLA/UFMG, 1983.
- HIRSCH, R. Armand Dreifuss. *1964: a conquista do Estado – ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- HIRSCH, R. Armand Dreifuss; SOUZA, H.; DREIFUSS, R. *Brazil: The Concept of Power of the Superior War College*. Canada, LARU, 1978.
- SORJ, Bernardo. *Vai embora da casa de teu pai*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

10 “Um mundo se foi; outro se aproxima. O todo de (quase) nada: o nada do iminente todo. Em suas emergentes unidades de partículas infinitas. Infinitudes de emergências, É... conhecimento para além da imaginação”. O poema encerra o livro *Transformações: matrizes do século XXI*.